

JORNAL: REVISTA DA SEMANA LOCAL: _____

DATA: 12 / 1 / 1957 AUTOR: _____

TÍTULO: UM "RETRATO DE PORTINARI"

ASSUNTO: _____

UM LIVRO

A LUA VEM DA ÁSIA

de Campos de Carvalho

◆ DIANTE DA novela de Walter Campos de Carvalho (1), livro de estréia, que acabamos de ler de um jato, cheios de surpresa, ignoramos o que dizer. Porque esse livro tanto se afasta de tantos e tantos outros de ficção aparecidos entre nós, em todos os tempos, que os critérios a esses últimos adaptáveis, para verificação de seu valor artístico, certamente não poderão ser utilizados com relação a «A lua vem da Ásia». Impossível, por outro lado, deixar de evocar, após sua leitura, as figuras de um Lautréamont, de um Jheronimus Bosch, de um Callot — invocados respectivamente às páginas 89, 93 e 184 da novela — como de espíritos afins e fontes prováveis de Campos de Carvalho.

O enredo é facilmente resumível: um personagem escreve, na primeira pessoa, suas experiências num estranho hotel, que logo depois identifica como um campo de concentração, e que o leitor de saída adivinha tratar-se de um manicômio. Tem muitos companheiros, nesse hotel-campo-de-concentração-manicômio: um potentado hindu, de nome José, o «Príncipe Danilo», o ator grego Papanatas, Mr. Boss, o anarquista Hernandez, etc., etc. O delírio a todos permite o situar-se, num mesmo momento, em vários lugares e épocas — e assim é que vemos, vez por outra, o personagem central da novela a imaginar-se metido em fantásticas aventuras, ou o doutor Keither a visitar os mortos de um cemitério em Córdoba ou em Sevilha, etc. A lógica não existe, em «A Lua Vem da Ásia»: não confessa, logo na primeira linha do livro, o autor, que aos dezesseis anos matou seu professor dessa disciplina?

A alusão a uma possível influência dos «Chants de Maldoror» é inevitável; daqueles «Chants de Maldoror», através dos quais, no dizer de Leon Bloy (2) falava «... le plus déplorable, le plus déchirant des aliénés». Afinal, o que escreveu Ducasse foi toda uma longa série de episódios incongruentes, alguns, outros profundamente cheios de lógica, todos eivados de grande beleza poética. Nos textos de Lautréamont — como nas telas de Bosch — por mais aparentemente disparatadas que sejam as imagens — ou as figuras — é a razão quem comanda. E sentimos também, na prosa de Campos de Carvalho, a despeito da vertigem de alguns momentos, o domínio de uma poderosa razão, em revolta permanente contra Deus, o Estado, a Ordem estabelecida. Campos de Carvalho não acredita (ou não acreditava, à época em que escreveu a presente novela, pois uma nota em seguida à página final afirma que o autor deixou de ser solitário, para se tornar solidário) em Deus (e muito menos em seus ministros), no amor (significativo o episódio do entêrro do desconhecido, com a filha e o sobrinho do morto namorando na cozinha, e a mulher ao lado de «um sujeito que (me) pareceu ser seu amante»), ou na Ordem: «Eu que sempre levei uma vida aventureira, modéstia à parte, rindo-me de tudo e de todos sem pedir licença ao Papa nem ao Chefe de Polícia...» No fundo, Campos de Carvalho é um moralista; e prova disso é a epígrafe de Brunet que escolheu para sua novela: «Tout homme peut bafouer la cruauté et la stupidité de l'univers en faisant de sa vie propre un poème d'incohérence et d'absurdité». Foi o que fez Lautréamont, «être assez généreux pour aimer (ses) semblables»; foi o que fez Campos de Carvalho, nessa novela que, tanto pela originalidade como pela beleza de algumas páginas (impossível não realçar a trágica beleza do encontro do cadáver do afogado e sua venda posterior ao diretor da Faculdade de Medicina), vem a ser a nosso ver uma das melhores da nossa moderna ficção.

NOTAS:

(1) — Campos de Carvalho — «A Lua Vem da Ásia» — Novela. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1956. Capa de Poty. 191 pg.

(2) — Citado no prefácio de L. Genonceaux à edição de 1890 dos «Chants de Maldoror», prefácio reproduzido em «Oeuvres Complètes» do Conde de Lautréamont, José Corti, Paris, 1953.

ARTES

Revista da Semana
12. 1. 1957

UM "RETRATO DE PORTINARI"

◆ NENHUM ARTISTA plástico brasileiro conseguiu a projeção alcançada pelo pintor Cândido Portinari. E prova de tal projeção, são justamente as encomendas que lhe chegaram e chegam do estrangeiro, as mostras cheias de êxito levadas a efeito em diversos países, e mais recentemente, os livros editados sobre sua obra, na Europa.

No Brasil, onde são escassos os livros sobre Arte, Portinari vem de merecer a homenagem de um livro valioso — esse «Retrato de Portinari», executado por Antônio Callado, e pôsto à venda, no Museu de Arte Moderna — que o publicou —, há cerca de dez dias, com a presença do autor, do retratado, e de numeroso público. «Retrato de Portinari» — explica Antônio Callado num curto preâmbulo — não é livro técnico: visa apenas focalizar certos aspectos pouco conhecidos da vida do autor dos «Meninos de Brodowsky». E' claro porém que o volume vez por outra contém agudas análises da obra portinariana, por outro lado relatando minuciosamente, o nascimento, o desenvolvimento e a plena realização da vocação pictórica de Portinari, num estilo atraente, sem rebuscamento, em traços breves e incisivos. Antônio Callado, que não é nem nunca desejou ser crítico de artes plásticas, realizou obra de mérito, que se lê como se se tratasse de um romance, tantos são os lances cheios de interesse nela contidos, desde a infância em Brodowsky, com o medo danado do menino Candinho pelo Diabo, até à glória atual.

Resta ressaltar a bela apresentação gráfica do livro, que vem ornado de inúmeras ilustrações — algumas feitas especialmente por Portinari para secundar a prosa de Callado —, e que vem inaugurar, em boa hora, a série de livros de arte que é de intenção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro lançar daqui por diante.



NA GALERIA Interiors, de São Paulo, o conhecido artista cearense Aldemir Martins, Prêmio Internacional de Desenho na última Bienal de Veneza, realizou em dezembro pequenina mostra de desenhos, doze peças ao todo, mas que despertaram as atenções do mundo artístico paulista. Na foto, flagrante da inauguração da exposição, vendo-se Aldemir ao lado da senhorita Bi Crisóstomo de Oliveira.

JORNAL: REVISTA DA SEMANA LOCAL: _____

DATA: 12 / 1 / 1957 AUTOR: _____

TÍTULO: UM "RETRATO DE PORTINARI"

ASSUNTO: _____

